

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Avá Canoeiro 24

Data: 04.11.73

Pg.: _____

UMA UNIÃO DE ESCRAVOS E CARIJÓS

Antropólogos e etnólogos estudam desde o século XVIII os ava-canoeiros, que, para muitos, surgiram da união de negros escravos e índios carijós fugidos de uma expedição no século XVII. Com a chegada de garimpeiros, posseiros, caçadores e fazendeiros — dizem algumas versões — eles foram empurrados aos poucos para fora do vale do Araguaia.

Em Viagem ao Araguaia, Couto de Magalhães já alertava que "o canoeiro é mais valente do que qualquer outro índio, ao que acresce ser mais sagaz e previdente. Quando bate, a destruição é certa, porque ele não faz sem escolher ocasião oportuna, custe isso, muito embora, uma espionagem incessante de muitos meses. Ordinariamente matam e roubam tudo quanto é de ferro, couro e roupas."

TENTATIVAS

Durante todo o século XIX, as tentativas para atrair os ava-canoeiros se tornaram persistentes, destacando-se os trabalhos de Cunha Matos, Couto de Magalhães, Zoroastro Artiaga, Paul Rivet. Esses estudiosos percorreram os vales do Araguaia e Tocantins e, pelo que contam, não foram poucas as tentativas para contactar esses índios.

Cunha Matos aponta a teoria da união de índios carijós e negros fugidos dos quilombos existentes em território goiano. Mestiços de índios e negros os avás não seriam, portanto, autênticos selvagens, mas um "estranho amálgama, em que predomina o banditismo."

"Todos, de ambos os sexos, andam nus" — diz Cunha Matos: "São monógamos, têm costumes particulares, entre outros a existência de uma casa de correção, ou, para melhor dizer, uma casa de meretrizes e prostitutas das aldeias, as quais, segundo dizem, não podem comunicar-se com as outras mulheres honestas, debaixo de penas mui severas."

A impossibilidade de Cunha Matos em compreender melhor o universo e valores indígenas torna-se mais aguda quando ele observa que os avás são "governados por caciques que pelo mais leve motivo impõem pena de morte. Fazem comércio de escravos, vendem-se uns aos outros e os negociantes do Pará compram muitos desses infelizes no território de Goiás, a troco de pólvora, armas, aguardente e tabaco."

Couto de Magalhães conta que "são os seguintes os meios que os selvagens usam para se reunirem no meio do deserto: vão subindo por um buriti, e amarrando em torno dele, com um palmo de espaço, faixas de capim verde, descem e depois ateiam-lhe fogo. A última das faixas de capim incendiada comunica-se às outras, de modo que a gigantesca palmeira serve de farol, não só por ficar em brasas, como também pela elevada coluna de fumaça que sobe ao céu em forma de espiral."

Esses sinais são dados ao morrer do dia, quando é necessário chamar a tribo para se reunir. Quando, porém, o chefe da tribo, que marcha sempre na retaguarda com sua família, se vê com falta de comida, ou com receto de algum ataque, ateta fogo à palmeira, usando a mesma técnica, ao meio-dia em ponto. Essencialmente nômades, os avás, ao tempo da expedição de Couto de Magalhães, encontravam-se nos sertões da Tesoura, fechados entre os rios Peixe e Tesouras. O sertanista acentua que "ai se demoram por algum tempo o impetuoso canoeiro, cujo caráter selvagem e feroz merece especial menção."

— O canoeiro — prossegue Couto de Magalhães — é ordinariamente de estatura baixa, cabelos e olhos negros, cor de bronze, fino, ágil, e com as pernas levemente arqueadas. Tem esse nome por se tornarem célebres os seus ataques contra navegantes do Maranhão, a quem aconfeitam em levíssimas ubás, e com agilidade tal, que chegavam sem ser pressentidos, retirando-se sem sofrer danos.

CONHECIMENTO

Couto de Magalhães registrou em sua viagem ao Araguaia que a "tribo dos canoeiros parece ter tido outrora alguma civilização, porque a maior parte entende alguma coisa da língua portuguesa, o que não se pode explicar por aprendizagem que tenha feito até agora, visto que seus membros não revelam o menor desejo de comunicação. Algum ódio profundo contra a raça branca parece dominar esses selvagens; perseguem-na incessantemente e não dão tréguas."

O historiador não esconde uma prática que se tornou rotina no trato com os índios: "No Rio Claro, foram mortos

há poucos anos, alguns que nos atacaram, e notou-se-lhes uma espécie de cascaca, que ia desde o cotovelo até a mão, tão grossa como um calo, resultante da prática que eles têm de acompanhar os brancos, arrastando-se pelos capins, como se fossem serpentes."

— Em toda parte do Norte dessa província, vê-se assinalada por uma destruição a passagem dessa tribo assoladora. A poucas léguas do lugar em que estou, jazem as vítimas do extinto Arcaial de Tesouras, cujos habitantes eles mataram e cujas casas assolaram sem a menor piedade, entregando a população a um incêndio que tudo devorou, a exceção de paredes e muros de pedras, que ainda existem. Além desses, existem as freguesias de São Félix, Cocal, Agua Quente, e Amaro Leite, cujos sertões foram os mais ricos em população e gado, todos reduzidos a cinzas por eles, além de Crixas e a Vila do Pilar, que foram dizimadas.

O que Couto de Magalhães não registra é a razão desses ataques dos avás. Nenhum índio ataca ou mata sem antes ter sido molestado ou perseguido. O próprio autor registra ter participado desse massacre, embora o faça de forma ligeira, quase inocente.

PROCEDÊNCIA

Zoroastro Artiaga frisa que Pohl, Milliet de Saint Adolphe, Castelnau, Saint Hilaire, todos afirmam que a denominação canoeiro foi criada pelos garimpeiros portugueses quando entraram no Tocantins até o Alto Maranhão. Martius classificou-os como tupis, com o que concordou o General Couto de Magalhães. Ehrenreich classificou-os como xavantes, xerentes e até achou-os parecidos com os bororós. Coudreau colocou-os entre os cata-pós. É interessante a classificação de Couto de Magalhães: esses índios teriam vindo do Sul e seus costumes e hábitos se aproximam muito mais dos hábitos e costumes tupis.

Castelnau considera-os bororós, Coudreau agrupa-os na família dos cata-pós, ao lado dos xerentes e xavantes, Sampaio considera-os um ramo dos xerentes, Martius inclina-se a ver neles remanescentes das hordas tupis que infestavam antigamente o curso inferior do Amazonas. Cunha Matos e Couto Magalhães admitem que os ava-canoeiros procedem do Sul e não do Norte, conforme pensava Martius.

Para Paul Rivet, conforme relação de palavras recolhidas por ele, a língua dos ava seria um dialeto tupi-guarani muito puro. Um dos pontos interessantes a determinar seria a que ramo da família tupi-guarani pertencem esses índios. Através de uma análise comparativa da língua, Paul Rivet conclui que a hipótese desses índios serem descendentes dos carijós é a mais provável que se conhece.

NA UNIÃO

Se são muitas as hipóteses que tentam localizar as origens dos ava-canoeiros, não têm sido poucas as fantasias e deformações criadas em torno desse grupo indígena. Cláudio e Orlando Vilas Boas se fixam na hipótese de que os avás se formaram como resultado de uma fuga coletiva de índios carijós e negros escravos da expedição de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, em 1600. Anhanguera deixara São Paulo do Piratininga nesse ano, acompanhado de cerca de 600 índios e uns 500 negros escravos, em busca de ouro, pelo interior do país.

Foram tantas as dificuldades enfrentadas que, na altura do Estado do Maranhão, negros e índios se uniram e se decidiram pela fuga coletiva. Formaram uma das mais curiosas civilizações indígenas de que se tem notícia em todo o mundo, tudo levando a crer que os silvícolas terminaram por manter a hegemonia no grupo. Temendo expedições punitivas de Anhanguera, desceram em direção ao Brasil Central, terminando por encontrar um grande rio, onde se fixaram.

Tempos após foram fustigados por uma numerosa e aguerrida tribo que ocupava esse rio, os carajás, terminando por fugir para o meio desse grande rio — hoje Araguaia — passando desde esse tempo a viver de forma nômade. Os carajás em 1870, somavam pelo menos uns 30 mil índios — isso muito depois de os ava-canoeiros enfrentarem uma das mais implacáveis perseguições que se conhece, tanto de seus irmãos índios, como também, de forma não menos violenta, dos civilizados. Não constitui surpresa, portanto, que sejam agressivos, valentes, ágeis, violentos e de certa forma impletos.